

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Alagoas Class.: Karapotó 44
 Data: 28/02/93 Pg.: _____

Federal deixa karapotós sem proteção

Foto de Gilberto Farias

Desde a última sexta-feira os karapotós estão sem a proteção da Polícia Federal, na fazenda Taboado, porque a Funai não dispõe de recursos suficientes para o pagamento das diárias dos policiais. A informação é de Saulo Ferreira Feitosa, membro do Conselho Indigenista Missionário, órgão vinculado à CNBB. "É um absurdo que essa situação dure por mais algum dia. Eles têm obrigação de garantir segurança aos índios. Trata-se de uma situação emergencial onde não pode faltar verba para a missão. No caso de haver conflito, quem vai ser responsabilizado? Desabafou.

Saulo, que está acampado na fazenda, em apoio aos karapotós, explicou que a agressão ocorrida na última sexta-feira com um empregado da fazenda, de nome Abel, foi justamente consequência da ausência da PF na área. "Todo mundo sabe que só pode entrar na fazenda com o consentimento dos índios. Como a polícia não estava, Abel desafiou a ordem, por isso se deu mal. Aqui tem vários outros povos indígenas, dando apoio aos karapotós e todos falam a mesma linguagem. Estão na mesma luta pela conquista da terra e vão reagir a qualquer insulto à tribo irmã". Ele frisou que os índios não são violentos mas estão dispostos a morrer lutando, ao invés de serem mortos pela passividade.

Outra questão abordada por Saulo foi a agilidade das negociações entre Governo Federal e os 16 donos dos 1.810 hectares desapropriados para os karapotós. Desse total, 70% está sob domínio de Luiz Coutinho e os 30% restante, compreende a lotes, nas mãos de 16 posseiros. "Uma equipe da CNBB também está em Brasília, sensibilizando o presidente da República, Itamar Franco, a liberar o pagamento de indenização aos fazendeiros - cujo valor ultrapassa os Cr\$ 9 bilhões. Até agora não temos resposta concreta sobre o assunto". Ele acrescentou estar preocupado com a falta de assistência médica, com a falta de alimentação e de condições gerais de vida dos índios da fazenda Taboado, enquanto durar o clima de incerteza na área.



Índios karapotós perdem a proteção da Polícia Federal e interditam estrada de acesso

Índios fazem barricada para interditar acesso

Os índios Karapotós interditaram uma estrada de acesso na Fazenda Taboada, impedindo o tráfego para áreas de posseiros. O clima está tenso e a situação é insustentável, segundo o chefe José Gomes do escritório da Funai em Alagoas. "Pode haver conflito armado a qualquer momento", disse Gomes. Ontem depois de voltar da área em conflito.

Face a posição dos índios, só existem duas possibilidades para a solução do conflito: o pagamento de Cr\$ 9 bilhões aos fazendeiros, referentes às benfeitorias na área; ou a morte de todos os Karapotós. O chefe Gomes, preocupado com o desenrolar dos acontecimentos, tentou ontem contato com representantes da Funai em Brasília a fim de conseguir o dinheiro.

Apesar de ter declarado

em 11 de agosto do ano passado a área de aproximadamente 1.810 hectares em São Sebastião, de interesse social para desapropriação, o governo federal não solicitou recursos para o orçamento da União de 93 referentes ao pagamento dessa indenização. Os índios pensam que as fazendas já são suas e estão convictos e prontos para morrer como forma de pagamento.

As negociações com o cacique Juarez de Souza foram perdidas. A situação se agravou ainda mais, ontem pela manhã, quando o único caminho de acesso para outras propriedades foi interditado. Os Karapotós montaram várias barricadas ao longo da estrada e atacaram qualquer um que tentava atravessá-las. Eles estão armados com lanças, flechas, zarabatanas e outros instrumen-

tos rudimentares.

Cerca de quatrocentos índios da tribo estão de alerta permanente. E não fazem reservas da sua intenção de matar e morrer pela posse imediata. A Polícia Federal deixou o local do conflito ontem à tarde, mas hoje deve seguir uma nova equipe para a fazenda Taboada, no intuito de defender a integridade física dos Karapotós que não ouvem mais os apelos dos funcionários da Funai-Alagoas.

Vale ressaltar que além do pagamento dos Cr\$ 9 bilhões, referentes às benfeitorias, como por exemplo açudes, lavouros, casas e fruteiras, o governo federal vai precisar indenizar os fazendeiros pela terra nua, isto é, a propriedade em si. Isso vai abreviar mais a resolução do problema que se arrasta há vários meses.

Clima na área ainda é tenso

As condições de vida por que passam os índios karapotós na fazenda Taboado são as piores possíveis. Enquanto falta entendimento entre o poder público federal e brancos que se dizem donos da área, no sentido de cumprir o ônus da desapropriação das terras, regularizando o assentamento indígena, os karapotós continuam convivendo sob tensão. Também não têm alimento, bebem água salobra e passam o dia fazendo vigília nas extremidades da terra ocupada. "Tudo que queremos é o direito de posse da terra, para fazer plantio de subsistência e estabelecer a tribo no local, definitivamente", disse o cacique Juarez de Souza.

Ele lembra que antes da ocupação da fazenda Taboado, área correspondente a 70% dos 1.810 hectares desapropriados pelo governo federal, em 12 de agosto de 1992, os karapotós viviam a margem da BR-101, em barracas de lona. Trabalhavam para as usinas da proximidade, no corte de cana e o salário nunca dava para o sustento da família. "As crianças comiam fruta verde com farinha e isso chocava muito a todos. A promessa de regularização das terras - com a indenização dos fazendeiros, pelas benfeitorias do local - caiu no descrédito. Para pressionar a negociação entre o governo e eles, resolvemos ocupar parte do que já é nosso desde o século XVII e legitimado pelo ex-presidente Fernando Collor há um ano". O cacique explicou que os índios não têm

nada a negociar com os supostos donos das terras e estão apenas aguardando que eles cobrem o valor da indenização, junto ao poder público federal.

O dono da fazenda Taboado - cuja dimensão é de 1.205 hectares - Luiz Coutinho, só poderá voltar ao local para pegar os utensílios da casa e os animais. "Não queremos nada dele. Só as terras nos pertencem e o resto ele pode vir buscar, inclusive não abrimos a casa. Seria invadir o alheio e isso a gente não faz". Os karapotós disseram não saber onde reside Luiz Coutinho, tampouco onde pode ser encontrado, já que tem fazendas em vários lugares, tanto no Brasil como no exterior.

Desde a madrugada da última quarta-feira de Cinzas, os karapotós chegaram na fazenda Taboado e eles reclamam a falta de condições de subsistência no acampamento. Dormem no curral e nas dependências dos empregados da fazenda. Os homens se revezam na vigilância noturna da área. Ao amanhecer, os índios não têm comida e se espalham pela redondeza em busca de fruta, mesmo sendo verde. A água de banho e de beber vem do açude, onde também passam horas e horas tentando pescar algum peixe. Há água potável na área, é armazenada em caixa e canalizada para a residência do fazendeiro Luiz Coutinho, mas os índios sustentaram não mexer nessa caixa d'água. As torneiras ficam todas dentro da residência, ainda conservada fechada pelos karapotós.

Índias grávidas não têm assistência

Os karapotós são 1005 mas, até ontem, havia cerca de 600 na fazenda Taboado. O restante vem chegando aos poucos no local, dando apoio à tribo. Atualmente existem cerca de 40 mulheres grávidas, sendo que três delas estão com nove meses de gestação. "A situação é preocupante. Se os partos forem normais, tudo bem. Há parteiras na tribo. No caso de não ser, pode até ocorrer morte, já que não há assistência médica para os índios," observou Kanay Pataxó, segundo cacique da tribo e membro da Comissão de Articulação dos Povos Indígenas do Leste-Nordeste.

Kanay reclamou da omissão da Fundação Nacional de Saúde (FNS), diante da saúde dos índios de Alagoas. Ele destacou que os indígenas têm os mesmos direitos dos demais povos e isso não está sendo considerado, por quem de direito. "Estamos articulando, junto com o Conselho Missionário Indigenista (ligado à CNBB), a prestação de assistência médica para os karapotós."

Os karapotós negaram ter feito reféns, quando chegaram na fazenda Taboado, na quarta-feira de cinzas. Na oportunidade, eles encontraram apenas três funcionários e expli- das terras, liberando-os em seguida. "Não prendemos ninguém e ficamos aborrecidos com o boato, na imprensa," acrescentou. Pataxó sustentou que os índios não invadiram as terras e sim passaram a ocupar o que lhes pertence, por direito. Até ontem haviam 163 índios de diferentes tribos, inclusive de vários outros Estados, somando força na luta dos karapotós. Os índios karapotós acampados na fazenda Taboado são 199. As índias totalizam 162 e a quantidade de crianças chega a 135. O total de índios na área cresce a cada dia, com a chegada de povos de outras tribos na fazenda Taboado.



Com as cores da guerra, líderes lutam por seus direitos

Funai teme conflito armado entre posseiros e indígenas

O chefe do escritório da Funai, José Gomes, disse ontem que existe a possibilidade de os fazendeiros da região se unirem e gerar um conflito armado, jamais visto no Estado. "Acredito que vai haver guerra", disse Gomes, diante da intransigência dos Karapotós e intenção dos posseiros em recuperar suas terras.

O dono da fazenda Taboada, Luiz Vilela Coutinho, não teve nenhum contato com o chefe do escritório José Gomes, que lamentou o fato, revelando não saber qual a posição do fazendeiro. Ele volta hoje pela manhã à área ocupada pelos índios, e deve tentar convencer os Karapotós a desocupar o caminho que leva a outras terras a serem desapropriadas.

Os índios já estão preparando lavouras e esperam plantar ainda este mês. Conforme declarações

de moradores locais, eles pretendem ficar definitivamente na área. As roças exitentes não foram tocadas e isso não quer dizer que não serão nos próximos dias, quando a reserva de alimentos se esgotarem. A situação criará outro problema ainda mais grave, entre fazendeiros e índios.

As terras, segundo José Gomes, além dos Cr\$ 9 bilhões, devem ser pagas com TDAs (Títulos da Dívida Agrária). O Ministério da Justiça, a quem a Funai é subordinada, não tomou qualquer tipo de iniciativa em relação à crise de São Sebastião, deixando à mercê dos índios e posseiros a definição do problema. Hoje será um dia decisivo. Se os índios continuarem com o bloqueio da estrada, nem mesmo a Polícia Federal, com seu pequeno efetivo no Estado, vai conseguir conter a guerra.